

Mesmo sem Batalha de flores

venha a Loulé pelo Carnaval!

Poderá divertir-se nos sensacionais bailes que uma Comissão promoverá nas 3 noites de Carnaval, para que se não perca uma continuidade que lhe tem assegurado o êxito.

A receita dos bailes reverterá em benefício de instituições de assistência de Loulé.

ANO XII N.º 291
JANEIRO — 19
1964

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Monsenhor Boto, 1 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULE

A Verdade

E não há Carnaval em Loulé?

CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO

A imprudente decisão da Mesa da Santa Casa — não dizemos de deliberar suspender em 1964 as festas do Carnaval, mas de o fazer sem ouvir os amigos habituais, ainda que alguns o tenham sido só de «fazem que eu os acompanho» — tem feito chegar a nossa redacção comunicados e escritos particulares das mais variadas origens.

Infelizmente alguns têm procurado remexer nas feridas que dividiram nos últimos tempos a família louletana, embora protestando que o fazem com vista à conciliação.

Mas, o melhor processo é rebaixando uns, de quem a gente está mesmo a ver que se não gosta, nem incensando outros a quem se pretende espicaçar o amor próprio para de novo reacender lutas que, se os homens quisessem ser superiores aos seus personalismos, deve-

riam estar já esquecidas e profundamente enterradas.

Ao falar de paz é preciso que ela nos encha os corações.

Em velhos tempos de política acesa e por vezes bem soez, os louletanos odiavam-se como políticos, mas estimavam-se como homens, mas hoje tudo é pessoal e é manifesto a segregação, dos grupos e grupinhos, das pessoas que não os subseruem e até só porque, colocando-se acima das paixões, em que eles se demetam, não cortam relações com as pessoas que não agradam ao grupo ou criticam os factos e as pessoas com a justiça que a sua isenção lhe trás, são tratados como suspeitos.

É preciso acabar com este ambiente, que nos diminui e degrada e impede o trabalho útil e proveitoso para o bem comum.

Anda meio mundo com medo que o vizinho — se não for do

grupo — faça melhor ou que haja que dividir os louros e por isso chegámos a ver segregada pessoa a quem muito o concelho devia só porque a sua presença podia obrigar a reparar honrarias...

E altura de acabar com recriações e com alfinetadas para pôr, acima de posições pessoais, de orgulhos e de vaidades feridas, o interesse colectivo e

(Continuação na 2.ª página)

LOULE' SEM CARNAVAL!

NAO HA CARNAVAL EM LOULE!

«O nosso colega quase que não acredita: Pois nós ficamos simplesmente pasmos! E o argumento aduzido — a situação nas nossas províncias ultramarinas — é tão pueril que não há possibilidades de convencer ninguém, nem os militares que estão a zelar as nossas terras de África nem suas famílias.

O nosso prezado colega «Jornal do Algarve, por exemplo, transcreveu a nossa notícia e fez o seguinte e desassombrado comentário que merece os nossos aplausos:

A decisão, tão discutível, da entidade que tomou esta medida, perfeitamente desnorteada, lesa os rendimentos da Misericórdia de Loulé e prejudica gravemente o turismo do Algarve, pois sabe-se que em todos os estable-

cimentos hoteleiros da Província há reservas para a época do Carnaval.

Perante tão insólita decisão, prejudicialíssima até para o prestígio do Algarve, há que tomar qualquer medida e essa é de se criarem festas de Carnaval noutra ou noutras localidades importantes da Província, as quais se garantem continuidade e prestígio, mesmo que para se manter essa continuidade se dê a concessão da sua realização a qualquer empresa que ofereça as indispensáveis garantias. Havendo tão poucas diversões na Província, não pode esta privar-se de uma que

(Continuação na 2.ª página)

Santa Casa da Misericórdia de Loulé

Batalhas de Flores

Desejamos comunicar às pessoas de boa fé que a resolução da Mesa de não levar a efeito a Batalha de Flores, este ano, foi motivada pelas considerações resultante da exiguidade do tempo em que teria de actuar, e do risco que lhe poderia advir de uma despesa, cada ano maior, não ser coberta se o tempo estivesse chuvoso.

Como a Santa Casa da Misericórdia é que teria de suportar as despesas, considerou-se arriscada a tentativa.

O ENGENHEIRO

Analide Guerreiro

é o novo Director dos Portos de Barlavento do Algarve

Foi recentemente nomeado Director dos Portos do Barlavento do Algarve o nosso caro amigo, e prezado conterrâneo sr. Eng. Analide Guerreiro, que há anos exerce, com muita competência e zelo, as funções de Director-adjunto da Junta Autónoma dos Portos do Arquipélago da Madeira.

Pelo que já sabíamos das qualidades do sr. Eng. Analide Guerreiro e pelo que soubemos agora através da leitura de vários jornais do Funchal, não nos é difícil discernir do ambiente de amizade e simpatia que o nosso conterrâneo merecidamente desfrutava na Ilha da Madeira.

Endereçamos ao sr. Eng. Analide Guerreiro os parabéns pela distinção que lhe foi concedida e formulamos votos pelo feliz desempenho das suas novas funções.

J. L.

Batalhas de Flores em MONCARAPACHO

O Algarve, e a despeito do enorme prejuízo que representa a não realização das festas carnavalescas em Loulé vai no entanto ter o seu Carnaval com a realização de animadas batalhas de flores em Moncarapacho, a favor da Santa Casa da Misericórdia local e que de ano para ano têm vindo a registar a presença sempre crescente de numeroso público. As Batalhas de Flores a realizar na típica aldeia de Moncarapacho estão suscitando vivo interesse em toda a província e apresentarão este ano vârias inovações.

J. L.

POSSÉ da Junta Distrital DE FARO

No salão Nobre da Junta Distrital realizou-se o acto de posse dos novos corpos gerentes desse organismo, cerimónia que foi presidida pelo Dr. José Ascenso, Governador Civil substituto e Presidente da Comissão Distrital da U. N.

A nova direcção da Junta Distrital é constituída pelos srs. Raúl Cúmano de Bivar Weinholtz (presidente); eng. João Luís Olias Maldonado (vice-presidente); José António Viegas Líbrio, Olídio de Almeida Dias, e Francisco Carlos da Silva Ramos (vogais efectivos); Luís Gonçalves Camarada, Marcelino Rosa Brito e Lino Lopes Freire (vogais substitutos). Durante o acto usaram da palavra o Governador Civil substituto e os presidentes cessante e empossado.

Com vista ao Grémio da Imprensa Regional

SUGERINDO

Com o objectivo defendido de defender os legítimos interesses da imprensa regional, foi criado, não há muito tempo, o Grémio da Imprensa Regional.

E de conhecimento geral que os grémios foram criados para defender os interesses da classe a que estão ligados, e, ao contrário do que se pensa e diz de muitos outros, este Grémio não pode defender os interesses dos grandes, pela simples razão de que não os há entre os seus associados. Apenas são seus componentes órgãos da pequena imprensa e precisamente porque parte desta vê ameaçada a sua existência, em face do conteúdo do Decreto 44.780, (que exige que todas as tipografias sejam apetrechadas com dispendiosas

máquinas automáticas) parece-nos chegada a oportunidade de o Grémio da Imprensa Regional DEFENDER, com todas as suas forças, os mais legítimos interesses dos seus associados.

Assim procedendo elevar-se-ia no conceito de quantos têm na Imprensa Regional uma força que é preciso manter ao serviço da Nação.

Nós sabemos que o Grémio já encetou diligências junto das entidades oficiais, mas pensamos que essas diligências (cujos resultados desconhecemos) teriam muito mais peso se tivessem sido acompanhadas de recortes daqueles jornais que têm debatido o problema por sentirem perigar a sua existência.

(Continua na 4.ª página)

Causou perfeita estupefação à Mesa da Santa Casa da Misericórdia o comunicado da Ex.ª Câmara Municipal, exposto ao público em 15 do corrente, acusando a Mesa de se ter excedido e si própria, resolvendo não levar a efeito, este ano, as tradicionais Batalhas de Flores, quando ela é que teria que as realizar com a colaboração que lhe fosse prestada por quem de direito.

Não disse a Mesa que essa colaboração lhe foi negada.

Considerando porém, como lhe cumpria, as circunstâncias da falta de tempo e condições de trabalho de que os seus membros poderiam dispor, e ainda o facto de o Carnaval este ano cair muito cedo, e as razões de ordem moral que condicionam a situação do nosso País, em guerra no Ultramar, a Mesa resolveu não levar a efeito os festejos que lhe poderiam, em última análise, acarretar prejuízos.

Não consultou publicamente as pessoas interessadas por falta de tempo, mas também, valha a ver-

O Carnaval EM LOULÉ

Já que não é possível realizar este ano as nossas tradicionais Batalhas de Flores, ocorremos sugerir que se organizem matinées que poderiam incluir, por exemplo, um Concurso de Trajes Infantis.

E natural que, atraídos pela fama do nosso Carnaval, se desloquem muitos forasteiros a Loulé que desconheçam a não realização das nossas festas.

Essas pessoas não ficariam assim tão aborrecidas se podessem desfrutar de alguma distração... e Loulé teria mais vida nesses dias.

idade, não foi procurada por ninguém responsável para a consultar ou estimular sobre o assunto, prometer-lhe ou assegurar-lhe o necessário apoio.

Se se trata de festejos de tão elevado interesse para a Vila, Concelho e Província, porque se não procura a conjugação de esforços com a Mesa para levá-los a efeito em perfeita colaboração? Será que seja necessário andar a mendigar auxílios que devem ser spontâneos oferecidos?

E que espécie de festejos se deseja? Qualquer coisa que sirva os interesses de determinados

(Continuação na 4.ª página)

Batalhas de flores em MESSINES

Aproveitando a rara circunstância de o Carnaval de 1964 coincidir com a punjânia da floração das amendoeiras e ainda o facto de Loulé ter desistido das suas tradicionais festas, os messinenses resolveram, à última hora, realizar as suas Batalhas de Flores.

Algarvios e forasteiros que se desloquem à nossa província para apreciar as amendoeiras em flor, terão assim onde se divertir pelo Carnaval.

Também em FARO?

Segundo notícia divulgada pelo nosso prezado colega de Faro «Folha do Domingo» pensa-se organizar ainda este ano uma Batalha de Flores na capital da província a favor da Casa dos Rapazes daquela cidade.

A idela poderá não concretizar-se, mas não há dúvida que Faro está à alerta.

LOULE SEM CARNAVAL

(Continuação da 1.ª página).

atrai milhares de pessoas e ajuda o comércio regional.

Não, assim não pode ser! O Algarve não pode estar sujeito a qualquer Mesa que não se disponha — invocando pretextos que a consciência pública não aceita — a realizar festas que pela sua projecção não interessam só a uma terra mas interessam a toda a Província. Que dizem a isto os louletanos?!

—

O «Jornal de Notícias» do Porto, publicou a seguinte local:

NAO HAVERA ESTE ANO BATALHAS DE FLORES EM LOULE?

Causou grande surpresa e não menor desgosto a notícia de que a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé decidira não promover este ano as tradicionais batalhas de flores que, durante o Carnaval, atraiam numerosos visitantes à vila e ao Algarve. E que estas festas tradicionais constituam garrido e movimento da carta turística da província, dando um cunho especial àquela quadra festiva. Os carros alegóricos apresentados as batalhas privavam por um bom gosto inexcusável, esmerando-se de ano para ano os responsáveis pela sua confeção no intuito de apresentarem cada vez melhor. E a verdade é que o conseguiram.

Desgosto e surpresa grandes, sem dúvida, e daí a razão por que os louletanos se interrogam agora: e não haverá mais alguém que se abalancem ao empreendimento?

A pergunta anda no ar, à espera de resposta, aguardando ainda muitos, esperançosamente, que a Mesa da Misericórdia reconsiderasse e não abandone assim o que já era uma tradição de Loulé.

—

Do «Jornal do Algarve» em correspondência de Moncarapacho:

O CARNAVAL — Não há Carnaval em Loulé, como noti-

«A VOZ DE LOULE»

N.º 291 — 19-1-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia TRINTA E UM do próximo mês de JANEIRO, pelas ONZE HORAS, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de EXECUÇÃO POR CUSTAS que o Digno Agente do Ministério Público, nesta comarca, move contra FERNANDES JOSÉ PONTES, solteiro, maior, proprietário, residente no sítio do Poco Novo, freguesia de São Clemente, desta mesma comarca, se há-de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior preço oferecer acima do que lhe vai a seguir indicado. O DIREITO E ACÇÃO À HERANÇA ILÍQUIDA E INDEVISA DEIXADA POR INACIO JOSE PONTES, FALECIDO EM NOVE DE ABRIL DE MIL NOVECENTOS CINCOENTA E OITO, PERTENCENTE AO REFERIDO EXECUTADO, o qual vai à praça pelo valor de MIL E QUINHENTOS ESCUDOS.

Por este mesmo fica notificado o condémino ALVES JOSE PONTES, casado, empregado de padaria, ausente em parte incerta e cuja última residência conhecida foi no dito sítio do Poco Novo, para exercer, querendo, em seus direitos, naquele dia, hora e local.

Loulé, 5 de Dezembro de 1963

O escrivão de direito da 1.ª Secção

(a) Joaquim Guerreiro Brásio

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito

(a) José António Carapeto Santos

ciam os jornais, Aliás, o Carnaval mais puramente algarvio, há alguns anos a esta parte, é o de Moncarapacho. Não estão portanto os algarvios privados do seu carnaval. Incluem no vosso programa, para o carnaval, uma visita a esta bela povoação e de certeza ficarão encantados. O carnaval de Moncarapacho é uma caixa de surpresas.

— De «Clarim do Limpopo» (De Moçambique):

CARNAVAL E «TWIST» — O Carnaval, em Lourenço Marques, de 1963, foi formidável. Formidável, porque, logo, ao nascer, lançou-se com fúrias para a ruas.

O público moçambicano é estrangeiro aplaudiu-o, freneticamente.

As coisas portaram-se de tal maneira que todos os votos e augúrios são de que o carnaval de 1964, em Lourenço Marques, vai ser coisa única, talvez assim como no Rio de Janeiro, um charme de turistas, um não sei que de formidabilíssimo.

NOVOS CORPOS GERENTES do «Louletano Desportos Clube»

(Continua na 5.ª página)

Apesar disso tudo decorreu na melhor ordem, pois as rivalidades são até certo ponto amistosas porque todos pretendem apenas servir o Louletano para que este prossiga a sua carreira enaltecedora do nome de Loulé.

Evidentemente o acontecimento foi muito falado... discutido pelo seu ineditismo tendo esta Assembleia, em face do acontecido, deliberado reunir de novo três dias depois para se proceder ao desempenho verificado, procurando assim resolver a «questão» a contento da maioria.

Foi uma sessão em que se tentaram as noites muito «ocupadas» não perderam esta oportunidade de querer demonstrar aquela pontinha de bairrismo que porventura ainda exista no seu coração.

... Três dias depois: Surpresa! a lista vencedora obteve uma maioria esmagadora: 42 contra 6, facto curioso atendendo ao que dias antes se havia verificado.

A lista vencedora tinha a seguinte constituição:

Assembleia Geral — Presidente — Dr. Manuel Mendes Gonçalves; Vice-Presidente — José Ferreira Torres; 1.º Secretário — José Vitoria Neto; 2.º Secretário — Manuel Brito Costa.

Directo — Presidente — Dr. João Barros Madeira; Vice-Presidente — José Manuel de Oliveira; Filho; Tesoureiro — Francisco de Brito Lopes; 1.º Secretário — João António Clemente de Campos; 2.º Secretário — José de Sousa Gonçalves (Marques); Vogais — Arthur Marcos Guerreiro e Alvaro Eusébio (Reis).

Conselho Fiscal — Presidente — António Maria Andrade de Sousa; Secretário — Daniel Farrajota Fernandes; Relator — Francisco Pinto Carrusca.

SUGERINDO

(Continuação da 1.ª página)

E se o Grémio achasse que esses jornais eram ainda em número diminuto, poderia talvez sugerir que muitos outros levantasse também um problema que a todos os pequenos interessa.

Na posse de elementos com sugestões várias, o Grémio da Imprensa Regional poderia apresentar então às entidades oficiais ideias com bases mais sólidas, de forma a ser encarada uma solução que não fizesse perigar a existência dos pequenos jornais da província.

Esperamos que o faça ainda, antes que um novo Decreto seja publicado, pois as alterações que se dizem estar em estudo podem ainda não conter a solução ideal para a maioria — mas será certeza cumprida.

Confiamos nos bons ofícios do Grémio da Imprensa Regional.

J. M. P. B.

Alzira Vitória de Sousa Proprietária da Salsicharia 1.º de Dezembro

Participa a todos os seus Ex.ºs Clientes e ao público em geral a inauguração do seu novo estabelecimento, no

MERCADO MUNICIPAL, 31 e PRAÇA DA REPÚBLICA, 3 onde apresenta variado sortido de conservas de peixe, carne e frutas.

FIAMBRE da CASA ISIDORO (o melhor entre os bons)	GALINHA — COELHO e CABRITO
PAIOS de lombo	ANANAZ — BANANA
QUEIJO — MANTEIGA e todos os artigos de Salsicharia	e outras Frutas
FRANGOS PARA ASSAR	DOÇARIA
	ÁGUAS MÍNERAIS

Câmara Municipal de Loulé ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «CONSTRUÇÃO DE CASAS PARA OS MAGISTRADOS»

Faz-se público que no dia 29 do corrente mês de Janeiro, pelas 16 horas e trinta minutos, na Sala das Sessões da Câmara Municipal de Loulé, perante a mesma Câmara, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada da obra de «Construção de casas para os Magistrados».

Base de licitação . . . 500.000\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de haver sido feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de 12.500\$00, mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo que figura no processo do concurso.

O depósito definitivo será de 5 por cento da importância da adjudicação.

O processo do concurso, incluindo o respectivo projecto, programa e caderno de encargos está patente na Secretaria desta Câmara Municipal, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, devendo as propostas dos concorrentes dar entrada na mesma Secretaria até às 15 horas do dia do concurso.

Paços do Concelho de Loulé, 6 de Janeiro de 1964

O Presidente da Câmara,
José João Ascensão Pablos

Laboratório Unidente

DENTES ARTIFICIAIS

Colocação de dentes com facilidades de pagamento

Telefone n.º 385
Praça da República, 80

Loulé

Hospital da Santa Casa da Misericórdia de LOULÉ

Director Clínico — Dr. José Alves Batalim Júnior

Consulta diária

Clínica Geral — Dr. João Barros Madeira

Consultas às 2.ª-feiras — 14 horas

— Dr. José Maria Pulido Garcia

Consultas às 4.ª-feiras — 14 horas

— Dr. José Viegas de Sousa Inês

Consultas às 5.ª-feiras — 14 horas

— Dr. Maria Augusta Batalim

Consultas às 6.ª-feiras — 14 horas

— Dr. Fernanda Mealha

Consultas às segundas 8.ª-feiras de cada mês — 14 horas

— Dr. Morais Simão

Consultas às 3.ª-feiras e sábados das 9 às 12 horas

Oftalmologia — Dr. May Viana

Consultas às 5.ª-feiras das 11 às 13 horas

Otorrinolaringologia — Dr. Ribeiro de Seabra

Consultas aos 3.ª sábados de cada mês

— Dr. José Leonardo de Sousa Carvalho

Serviço diário

Raios X

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 10.ª-feiras — 14 horas

Dermatologia — Dr. António José da Cunha

Consultas às 11.ª-feiras — 14 horas

Estomatologia — Dr. António José da Cunha

Consultas às 12.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 13.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 14.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 15.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 16.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 17.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 18.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 19.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 20.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 21.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 22.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 23.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 24.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 25.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 26.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 27.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 28.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 29.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha

Consultas às 30.ª-feiras — 14 horas

— Dr. António José da Cunha



Desde o começo deste século, com os extraordinários progressos da ciência, aumentou a duração média de vida humana de 45 para 65 anos.

O acidente porém, tornou-se cada vez mais frequente, em virtude da vida moderna, e constitui para cada indivíduo um risco permanente de que só o seguro poderá pô-lo a cobro.

Indo ao encontro deste grave problema do nosso tempo, a

COMPANHIA DE SEGUROS CONFIANÇA em colaboração com o BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

resolveu atribuir às pessoas singulares, depositantes deste Banco,

AUTOMATICA E GRATUITAMENTE, um SEGURO DE ACIDENTES PESSOAIS nas condições da APÓLICE UNIFORME, a partir de 1 de Janeiro de 1964 — ano em que se comemora o cincocentenário da fundação do Banco.

O capital seguro será igual ao saldo da conta ou contas de depósito na véspera do dia em que se verificar o acidente, com o limite máximo de 500 contos.

A VOZ DE LOULÉ
N.º 291 — 19-1-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO 2.ª publicação

No dia TRINTA E UM do próximo mês de Janeiro, pelas ONZE HORAS, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de EXECUÇÃO POR CUSTAS E SELOS que o Digno Agente do Ministério Público, move contra JOSÉ FARAJOTA DE FREITAS, separado judicialmente de pessoas e bens, agricultor, ausente em parte incerta da França e cuja última residência conhecida foi na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, desta vila de Loulé, se há-de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior prego oferecer acima do que a seguir vai indicado, O DIREITO E AÇÃO À MEAÇÃO DO EXECUTADO NOS BENS COMUNS DO SEU DISSOLVIDO CASAL COM MARIA DAS DORES RAMOS E BARROS, o qual vai à praça por VINTE MIL ESCUDOS.

Loulé, 23 de Novembro de 1963

O escrivão de direito
da 1.ª Secção

(a) Joaquim Guerreiro Brasão
Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito,

(a) José António Carapeto
Santos

Cobranças difíceis

Em Lisboa e província, trata José Pereira Esteves, Travessa dos Arneiros, 15, r/c, Esq.º — Lisboa — Benfica — Telefone 70 04 91.

E NÃO HÁ CARNAVAL EM LOULÉ?

(Continuação da 1.ª página)

daí, para não atear novas fogueras, esperamos que sejam compreendidas, pelos signatários particulares, as razões por que não publicamos os seus escritos.

Os louletanos ficaram chocados pela decisão da Mesa da Santa Casa, uns porque se preocupam com a perda de receita, outros porque isso os prejudica no negócio, mas a maioria, cremos, porque vêem afundar-se o nome da sua terra, não só pelo que o carnaval representava já, com a sua projeção por todo o País, mas pelas razões remotas, reais ou supostas, que fizem que a Mesa hesitasse primeiramente e decidisse depois, cancelar os festeiros.

Embora sob a égide de Santa Casa, a festa era dos louletanos e se transcendem, como se reconhece, a Mesa daquela instituição, que os louletanos «joguem as mãos» ao caso, é indispensável que a Câmara e Mesa, esquecendo as pessoas, polarisem a população e como cabeças orgânicas que são dos povos e dos interesses assistenciais, enfrentem com isenção e vigor, as circunstâncias e que os particulares, imitando-as, salam das suas torres de marfim.

Não nos venham com falta de tempo nem com política, que no caso seria politiquice.

No ano findo, entre a decisão de levar a cabo as festas e o carnaval mediaram 28 dias; há anos quando a festa perigou, dois particulares, em polos opostos e extremos de ideias políticas, arrancaram os louletanos para a realização do carnaval.

Baixem as bandeiras, senhores e compartilhem da vergonha dos louletanos, que de darem cartas no Algarve, passe a valde, hoje se sentem, depois de divididos, abúlicos e incapazes.

E a hora dos louletanos de boa vontade, e de espírito esclarecido.

Calquemos fundo e definitivamente.

OLIVEIRAS

De sequeiro, para plantação vendem-se, da melhor qualidade.

Tratar com Manuel Brito da Mana — Telef. 18-LOULÉ

mente as politicazinhas, as picuices dos sentimentos pessoais, os endeusamentos tão cuidadosamente cultivados e restaurados a nossa tradicional validade colectiva que, essa sim, merece todo o nosso carinho e toda a nossa dedicação, porque é a bem de Loulé, em benefício de Loulé, cujo nome devemos pôr acima de posição e de louros pessoais.

É a altura de os que falam pelos cafés e protestam em toda a parte, oferecerem os seus préstimos e dá-los, efectivamente.

Bastaria que cada um se dispusesse a projectar e a executar o seu carro, como nos tempos aureos das nossas batalhas (e só esses terão autoridade para tal) e o resto viria naturalmente.

As entidades oficiais não regatearão ajuda para a organização.

Uma única condição se pede: seja augurando o brilho e a elevação habituais. Se isso não for possível, será preferível não fazer.

A Moda dos Plissados continua satisfazendo o gosto das Senhoras mais exigentes.

PAPELARIA PAULA

Praca Luís de Camões, 8
LAGOS

Recebe encomendas de plissados e formas para a confecção dos masmos, enviando para qualquer parte. Desde Esc. 50\$00.

Bom emprego de capital

Por motivo de retirada, vende-se uma máquina de partir amendoa, de resultados comprovados.

Preço acessível.

Tratar com António Pereira Guerreiro — Loulé.

Santa Casa da Misericórdia de Loulé ESCLARECIMENTO

(Continuação da 1.ª página)

sectores, ou festas que elevam o bom nome da terra?

Se é isto que se deseja convirá, em nosso entender, descansar de vez em quando, o rever o aspecto geral do conjunto.

Ele, segundo pensamos, de ano para ano, está a ser-nos desfavorável por motivos de todos conhecidos.

E o que, respeitosamente, se nos oferece dizer, pela parte que nos toca, sobre o comunicado da Ex.ª Câmara.

Loulé, 17 de Janeiro de 1964

A MESA

J. Pereira da Costa ODONTOLOGISTA

Consultório:
Avenida José da Costa Mea-
lha, 39-1.º (em frente ao Ci-
nema)

Telefone 114

— LOULÉ —

VENDE-SE

1 Tractor «Fordson Masor», uma debulhadora e uma charra, em bom estado. Tudo por 80 contos.

Nesta redacção se informa.

A LAVOURA TRACTORES equipados com Buldozer e Riper

Charra subsoladora hidráulica, garantida para um metro de profundidade, para plantio de vinha ou pomares, economizando mais de 50% em relação ao serviço de buldozer. Orçamentos gratis. Aluga à hora ou ao hectare, José Domingos dos Santos, Ponte do Rol, Torres Vedras. Telefone 19 — PONTE DO ROL.

A VOZ DE LOULÉ
N.º 291 — 19-1-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO 1.ª publicação

Faz-se saber que no dia CATARZE do próximo mês de Fevereiro, pelas ONZE horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de ação de divisão de causa comum que correm seus termos pela 2.ª secção de processos deste Juízo e em que são: Requerentes — José Domingos de Sousa Júnior e mulher Maria Faria de Mendonça, ele industrial e ela doméstica, moradores no lugar de Almancil, deste concelho e Requeridos — Maria de Sousa Pires e marido Cirilo de Brito, ela doméstica e ele comerciante, residentes em 119, South High Street, Mount Vernon, New York, U. S. A., será posto em praça pela primeira vez para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do preço realístico.

Uma couraça de semejar e árvores, no sítio das Ferrarias, freguesia de Almancil, deste concelho, confinando no norte com Domingos de Sousa, do norte e poente com Francisco Gonçalves e do sul com Joaquim Guerreiro, inscrita na matriz sob o art.º 4.776, e com o valor matrício corrigido de 308\$00.

Loulé, 8 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito

(a) Henrique Anatónio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

(a) José António Carapeto dos Santos

A VOZ DE LOULÉ
N.º 291 — 19-1-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO 2.ª publicação

Faz-se saber que por esta comarca e segunda secção de processos, nos autos de Execução Sumária em que são: Exequente — Sebastião da Silva, solteiro, maior, proprietário, morador lugar de Lagar da Cera, freguesia do Ameixial, deste concelho e Executados — Francisco de Sousa e mulher Maria Joaquina, proprietários, moradores no sítio do Ximeno, da mesma freguesia, correm editos de VINTE dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos referidos executados, para no prazo de DEZ dias após os editos reclamarem os seus créditos desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Loulé, 14 de Dezembro de 1963

O escrivão de direito

(a) Henrique Anatónio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

(a) José António Carapeto dos Santos

MOBÍLIAS

VENDEM-SE, por motivo de retirada, mobilias de quarto e casa de jantar.

Nesta redacção se informa.

QUARTEIRA

TRESPASSA-SE

Trespassa-se um amplo estabelecimento junto à praia (o melhor local de Quarteira).

Tratar com Humberto do Adro — QUARTEIRA.

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro:

Em 11, o sr. Manuel Costa Guerreiro, residente em França. Em 15, as sr.ª D. Capitolina do Nascimento Jerônimo de Souza Matias.

Em 18, a sr.ª D. Maria do Rosário Serafim Campina.

Em 19, a menina Idália Maria Figueiras Aranha.

Em 20, as meninas Maria do Rosário Alvarez Rocheta, Maria Liliânia Coelho Ramíos e as sr.ª D. Maria de Lourdes Palma, D. Vitória Costa Gonçalves, residente na Austrália, e o menino Paulo Guilherme Sá Ferreira Fora Rua.

Em 22, o sr. António Nunes Coelho, residente em Lisboa.

Em 23, o sr. Manuel dos Santos.

Em 25, a sr.ª D. Maria Tomaz Sequeira da Silva, o sr. Padre João de Jesus Martins, e a menina Maria Vitória Espírito Santo Aleluia.

Em 26, o sr. Padre João Coelho Cabanha.

Em 27, a menina Corália Maria Fortuna de Brito Vicente e o menino Cristóvão Manuel Luis Cristina.

Em 30, o menino Orlando de Sousa Mendes, residente na Austrália.

Em 31, o menino Joaquim José da Silva Vicente, residente em França.

Fazem anos em Fevereiro:

Em 1, a menina Maria Dulce Duarte da Piedade Barros.

Em 2, os meninos Carlos Augusto Correia Duarte e Eduardo José Mendes Delgado Pinto, a sr.ª D. Maria Irene Sequeira de Sousa Aleixo e o sr. José Francisco Guerreiro.

Em 3, a menina Rosa Maria Carapeto Corpas e os srs. José Farrajota Martins e Horácio Leal Farrajota.

PARTIDAS E CHEGADAS

Por mais uma vez lhe ter sido concedida uma bolsa de estudo pela Fundação Calouste Gulbenkian, seguiu há dias para a Alemanha Ocidental, o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. José Mendes do Carmo, 2º sargento da Banda da G. N. R., que naquele país frequentará um curso de aperfeiçoamento artístico.

De visita à terra natal, está entre nós o sr. José Coelho Guerreiro, nosso conterrâneo e dedicado assinante nos Estados Unidos.

Em viagem de negócios, percorreram vários países da Europa e Norte de África, os considerados comerciantes da nossa praça srs. Avelino Ricardo dos Santos e José Francisco.

Deslocou-se a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. António Luis Laginha dos Ramos.

Retirou para Nova Lisboa (Angola), após ter gozado as suas férias na terra natal, o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. João Gomes da Fonseca.

Vindo dos Estados Unidos, onde há anos reside, está em Loulé o nosso conterrâneo e prezado assinante, sr. António Pereira Guerreiro.

Tivemos o prazer de cumprimentar, em Loulé, o nosso estimado amigo sr. Dr. Ventura

Curso Infantil «SINGER»

Com a presença do sr. Inspector António de Sousa Correia, realizou-se há dias na loja «Singer», em Loulé, a cerimónia de encerramento de mais um curso infantil promovido pela «SINGER» tal como vem sendo habitual todos os anos na quadra do Natal.

Além de presença daquele funcionário, que estava acompanhado da instrutora sr.ª D. Maria do Adro, e do empregado sr. Gonçalves, compareceram ao acto vários familiares e numeroso público, tendo sido entregues os plomos às pequenas alunas e bem assim uma lembrança, como prémio pela frequência do curso.

Após este acto foram apreciados os trabalhos das alunas e expostas as bonecas na monta.

Na foto, abaixo podem ver-se as crianças que frequentaram o curso, junto das suas «adoradas» bonecas.



UM ESTABELECIMENTO DE BOM GOSTO AO SERVIÇO DO PÚBLICO DE BOM GOSTO:

Mobiladora Moderna

Praça da República, 8

LOULÉ

António Simão Viegas

Ao inaugurar o seu novo e amplo estabelecimento, cumprimenta o Públco de Loulé e agradece uma visita.

MOBÍLIAS COMPLETAS EM TODOS OS ESTILOS MÓVEIS AVULSO E ARTIGOS DE DECORAÇÃO A PREÇOS ACESSÍVEIS

FORAM ELEITOS os novos corpos gerentes do Louletano Desportos Clube

De harmonia com o determinado nos seus estatutos, realizou-se no passado mês de Dezembro, na sede do Louletano Desportos Clube, uma Assembleia Geral Ordinária, para eleição dos novos corpos gerentes para o ano em curso.

Abriu a sessão o Presidente da Assembleia Geral, sr. Dr. João Barros Madeira, que deu a palavra ao Presidente da Direcção sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves. Focando e enaltecedo algumas proezas brilhantes dos nossos ciclistas nas provas em que se fizeram representar, especialmente na Volta a Portugal, onde tiveram comportamento inegualável em toda a história do Louletano, e Dr. Gonçalves salientou e agradeceu a todos os componentes da Direcção, massagistas, sócios

e a quantos contribuiram de uma maneira geral para tal triunfo.

Seguidamente procedeu-se à votação, que teve a inédita particularidade de ter sido feita com 3 listas, o que pode ser considerado como demonstração inequívoca do interesse com que a massa associativa acompanha actualmente a vida da mais representativa agremiação desportiva local.

A Assembleia registou por isso, uma concorrência verdadeiramente extraordinária, pelo interesse que havia em saber qual seria a lista de maior votação.

... Desapontamento total: das 3 listas uma saiu derrotada e 2 ficaram com igual número de votos!

(Continuação na 2.ª página)

UMA PONTE SOBRE O GUADIANA

(Continuação da 1.ª página)

preliminares da construção de uma ponte que há-de ser necessariamente grandiosa e... dispensiosa.

Estes dois factores e vários outros são muito de ponderar para a construção dessa obra e por isso já foi ventilado — e achamos que muito bem — no nosso prezado «Jornal do Algarve» a hipótese de a ponte ser substituída por «ferry-boats».

Também o vespertino «Diário de Lisboa» entende que a ponte é demorada e dispensiosa, aconselhando o estudo do problema para se encarar a realização de carreiras em «ferry-boats» e em «Nota do Dia» disse agora o seguinte:

PONTE OU «FERRY-BOATS»?

Esta pergunta fá-la um colaborador do «Jornal do Algarve», que se oculta sob um modesto pseudônimo, a propósito das vantagens ou desvantagens de se fazer a ligação entre a Espanha e Portugal pela fronteira do Guadiana através de uma ponte ou por meio de «ferry-boats». Em sua opinião, a ponte, mais demorada, mais demorada e mais difícil de construir, por implicar uma série de estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado, se tivesse de ser lançada muito a montante, como se pensa, a ponte podia afastar o tráfego que se faz entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, prejudicando deste modo as duas localidades. Ora, tudo depende, como «Jornal do Algarve», muito bem observa, do local onde for lançada a ponte. O que nos parece de aceitar, desde já, é o avulto do correspondente anônimo daquele jornal, e que o comentador perfuma, de estabelecer quanto antes um sistema de transportes entre as duas margens por meio de «ferry-boats» que garantam a rapidez, a segurança e a modicidade de preços que o actual sistema está longe de assegurar. Essa autêntica vergonha e exploração que é o transporte de automóveis entre Ayamonte e Vila Real de Santo António, tal como se faz actualmente, é que tem de acabar quanto antes para decoro e a bem dos interesses turísticos dos dois países. Enquanto a ponte não passar de uma aspiração, apesar dos estudos e negociações em que os dois países teriam de se pôr de acordo, seria substituída com vantagem por um serviço de «ferry-boats» que oferecesse segurança, rapidez e facilidade de manobra e que podia

comegar a funcionar num prazo relativamente curto, desde que se fizessem as obras necessárias em ambas as margens para atração de barcos. Por outro lado